



A mulher na política romana sob o olhar de Tito Lívio: Tanaquil e Túlia como arquétipos opostos (séc I a. C.)¹

Women in roman politics under the eyes of Livy: Tanaquil and Tullia as opposite archetypes (1st century B. C.)

Las mujeres em la política romana bajo la mirada de Livio: Tanaquil y Tullia como arquétipos opuestos (siglo I a. C.)

Bruna Carolina Monteiro [*]

[*] Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), com bolsa da CAPES (2023) e da FAPESP (2024-2025). Realizou Estágio de Pesquisa no Exterior na University of Exeter com bolsa da FAPESP (2024). E-mail: bruna.c.monteiro@unesp.br

Resumo: Esta pesquisa analisa a construção das personagens Tanaquil e Túlia, presentes no primeiro livro da obra "*Ab Urbe Condita*", de Tito Lívio (séc I a.C.), como representações da visão do autor sobre a presença feminina na política romana. Inserido no contexto de transição entre o final da República e o início do Império, Lívio elaborou sua narrativa em meio a profundas transformações políticas e sociais, em que a participação feminina na política estava sendo incentivada a partir dos ideais da *concordia* e do *mos maiorum*. Ao contrastar Tanaquil e Túlia, Tito Lívio construiu modelos antagônicos de presença feminina na política: um que se mostra legítimo e funcional à manutenção da ordem, e outro que representa o desvio e a ameaça à estabilidade.

Palavras-chave: Tito Lívio; *Ab Urbe Condita*; Representação feminina.

Abstract: This research analyzes the construction of the characters Tanaquil and Tullia, present in the first book of the work "*Ab Urbe Condita*", by Titus Livius (1st century BC), as representations of the author's vision of the female presence in Roman politics. Inserted in the context of transition between the end of the Republic and the beginning of the Empire, Livius elaborated his narrative in

¹ Essa pesquisa é fruto da dissertação de Mestrado intitulada "Do corpo feminino em Tito Lívio: representações femininas no livro I da obra *Ab Urbe Condita* (séc I a.C.)" com orientação da Profa. Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi, e defendida na Universidade Estadual Paulista (UNESP). A pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001 em 2023. Nos anos de 2024 e 2025, a pesquisa foi realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo número 2023/11533-1.

the midst of profound political and social transformations, in which female participation in politics was being encouraged based on the ideals of *concordia* and *mos maiorum*. By contrasting Tanaquil and Tulia, Titus Livius constructed antagonistic models of female presence in politics: one that is legitimate and functional to the maintenance of order, and another that represents deviation and a threat to stability.

Keywords: Livy; Ab Urbe Condita; Female representation.

Resumen: Esta investigación analiza la construcción de los personajes Tanaquil y Tulia, presentes en el primer libro de la obra “Ab Urbe Condita”, de Tito Livio (siglo I a.C.), como representaciones de la visión del autor sobre la presencia femenina en la política romana. Ambientada en el contexto de transición entre el fin de la República y el comienzo del Imperio, Livio escribió su narrativa en medio de profundas transformaciones políticas y sociales, en la que se fomentaba la participación femenina en la política a partir de los ideales de *concordia* y *mos maiorum*. Al contrastar a Tanaquil y Tulia, Tito Livio construyó modelos antagónicos de la presencia femenina en la política: uno que parece legítimo y funcional para el mantenimiento del orden, y otro que representa la desviación y una amenaza a la estabilidad.

Palabras clave: Livio; Ab Urbe Condita; Representación femenina.

A obra *Ab Urbe Condita* (“Desde a fundação da cidade”), de Tito Lívio, foi escrita no final do século I a.C., durante o período das Guerras Civis que marcaram o fim da República Romana e o início do Império. Lívio, um aristocrata erudito natural de Pádua, ao norte da Península Itálica, tinha como objetivo recontar a história de Roma, desde sua fundação por Rômulo até os acontecimentos de sua contemporaneidade, abrangendo aproximadamente sete séculos. A obra, originalmente, consistia em 142 livros, dos quais apenas 35 sobreviveram até os dias atuais. Este artigo utiliza como fonte o primeiro livro da obra, que cobre os primórdios de Roma, todo o período monárquico e o início da República.

Toda a narrativa apresentada por Lívio faz parte da tradição histórica de Roma, cujas histórias foram transmitidas ao longo das gerações de maneira oral. O autor escolheu reunir essas narrativas em sua obra, mas informando que não é sua intenção “afirmar nem refutar o que é transmitido em fábulas poéticas e não em registros incorruptíveis”² (Liv. pref. 5 - tradução nossa). Ou seja, embora essas histórias sejam consideradas parte da história romana, elas pertencem a um conjunto mitológico de personagens que habitavam o imaginário coletivo dos romanos. Segundo

² Citação no latim: *urbem poetics magis decora fabulis quam incorruptis rerum gestarum monumentis traduntur, ea nec adfirmare nec refellere in animo est* (Liv. pref. 5).

Mircea Eliade (1972, 17), o mito não deveria apenas ser conhecido, mas também constantemente revivido e celebrado. Dessa maneira, ao escolher recontar essas histórias, Tito Lívio buscava reafirmar o vínculo de seu público com suas origens e fortalecer seus sentimentos de identidade em relação ao passado romano.

Embora Tito Lívio afirme que sua intenção, ao narrar os episódios lendários, não era confirmar nem negar a veracidade dos relatos, mas apenas recontá-los, Umberto Eco (2005, 29) argumenta que um texto carrega, inevitavelmente, mais do que apenas as intenções declaradas do autor. Cada palavra escrita incorpora a bagagem cultural, os ideais e a visão de mundo daquele que a produzem, de modo que o texto adquire uma dinâmica própria, ultrapassando os propósitos conscientes do autor. Assim, ainda que Lívio tenha declarado como objetivo apenas relatar histórias conhecidas do imaginário romano, sua narrativa inevitavelmente revela, ainda que de forma implícita, as marcas de seu contexto sociopolítico e de seus valores históricos.

Acredita-se que a *Ab Urbe Condita* foi publicada entre 25 e 27 a.C., após a consolidação do poder de Augusto e o fim da República. Nesse sentido, é fundamental considerar que Tito Lívio compôs sua obra em um contexto de profundas transformações jurídicas e sociais em Roma, marcadas por um forte incentivo estatal ao casamento, à maternidade e à promoção da *concordia*³ entre os casais. No entanto, é possível que Lívio tenha iniciado a composição da obra anteriormente, divulgando-a somente anos depois — uma vez que, conforme aponta Wiseman (2014, 61), era comum entre os escritores romanos recitar suas produções em locais públicos antes de registrá-las em papiros, materiais caros e frágeis. Ademais, a prática da leitura na Roma Antiga era predominantemente auditiva, de modo que as recitações públicas constituíam o principal meio de difusão do conhecimento literário e histórico.

Entre as personagens femininas presentes no primeiro livro, Tanaquil e Túlia representam polos opostos da presença feminina na política: a primeira, associada a uma influência positiva; a segunda, a uma atuação negativa. De forma análoga, durante o governo de Augusto, algumas figuras femininas tornaram-se símbolos de boas e más influências sobre a sociedade romana; dentre elas: Lúlia, esposa de Augusto; Júlia, sua filha; Octávia, sua irmã; e, Cleópatra, sua adversária política. Assim, da mesma maneira que, em seu próprio contexto, mulheres tiveram suas reputações mobilizadas como exemplos a serem seguidos ou evitados, Lívio construiu suas personagens femininas para exercerem funções semelhantes no imaginário romano. No prefácio de sua obra, o autor declara explicitamente que seu objetivo é apresentar modelos de conduta: comportamentos que deveriam ser imitados e outros que serviriam de advertência para a sociedade:

³ Acordo/união/casamento pacífico e de parceria entre o casal.

O que é sobremodo salutar e producente, no conhecimento da história, são os exemplos instrutivos de toda espécie que se descobrem à luz da obra. Nela se encontram, para o teu benefício e o de teu país, modelos dignos de imitação assim como ações vergonhosas, cujas causas e consequências é preciso evitar⁴ (Liv. pref. 7) (tradução nossa).

Ao analisarmos uma obra histórica, é fundamental considerarmos o contexto em que ela foi produzida. No século I a.C., durante o governo de Augusto, ocorreu uma reconfiguração cultural e social baseada no *mos maiorum*, um conjunto de valores tradicionais que promovia a moralização da sociedade romana por meio da valorização dos costumes dos antepassados. Esses preceitos defendiam um comportamento ideal, guiado pela moderação e pelo dever cívico, em oposição à luxúria, à cobiça e ao individualismo. Esperava-se que os romanos vivessem em função do bem coletivo de Roma, e não de seus interesses pessoais.

Segundo Gabriela Isbaes e Pedro Paulo Abreu Funari (2023, 170), no caso das mulheres, essa moralização estava associada à *pudicitia*, conceito que envolvia castidade, obediência e dedicação à família. Possuir tais qualidades faziam com que uma mulher fosse considerada uma *femina bona*⁵, por se dedicar à família e ser legal a uma figura masculina (Strong 2016, 44). Esperava-se que essa mulher exemplar colocasse sempre os interesses familiares em primeiro plano — oferecendo inclusive apoio financeiro —, e adotasse uma conduta pública recatada. As mulheres da família de Augusto, como sua esposa Lúvia e sua irmã Octávia, foram utilizadas em sua propaganda política como modelos exemplares desse ideal feminino.

Lúvia, esposa de Augusto, foi amplamente conhecida como a "mãe de Roma", e seu casamento com Augusto a permitiu consolidar alianças com diversos clãs leais à família dela, contribuindo significativamente à vitória de Augusto sobre Marco Antônio durante as Guerras Cívicas (Angelova 2015, 67). Octávia, por sua vez, apresentava-se como o contraponto à figura de Cleópatra: enquanto a rainha egípcia era percebida como uma ameaça estrangeira e uma mulher perigosa para Roma, Octávia encarnava o ideal da esposa romana virtuosa, além de exercer influência política ao fortalecer a conexão entre o Ocidente e o Oriente, acompanhando seu marido Marco Antônio em diversas viagens (Moore 2020, 375). Em contraste, Julia, filha de Augusto, foi acusada de adultério sob a vigência da *Lex Iulia de Adulteriis Coercendis*, legislação moralista implementada por seu próprio pai, e, como consequência, foi exilada em uma ilha (De la Bédoyère 2018, 91).

⁴ Citação no latim: *Hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum, omnis te exempli documenta in inlustri posita monumento intueri; inde tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde foedum inceptu, foedum exitu, quod vites* (Liv. pref. 7).

⁵ Boa mulher.

Apesar das medidas políticas adotadas por Augusto para moldar a sociedade romana, segundo padrões considerados ideais de comportamento, Isbaes e Funari (2023, 171) argumentam que, na prática, esses valores não foram amplamente aceitos ou incorporados, tendo sido adotados apenas por grupos mais conservadores. Fontes do início do Império indicam que muitas mulheres não desejavam seguir os preceitos da *pudicitia*, ou os adotavam apenas no espaço público, enquanto em privado mantinham condutas distintas.

Na *Ab Urbe Condita*, Tito Lívio narra histórias de mulheres que viveram no período idealizado da história romana, mas que não correspondiam ao ideal de *pudicitia*. Ao fazê-lo, Lívio evidencia que esse modelo feminino não foi amplamente seguido nem no passado glorificado, nem tampouco em seu próprio tempo, no início do governo de Augusto. Ao destacar os comportamentos femininos considerados desviantes, sua obra também pode ser lida como um alerta moral às mulheres de sua época, reforçando a necessidade de aderir a esse ideal. As próprias figuras femininas do círculo de Augusto, como já mencionado, ilustram a tensão entre a performance pública da *pudicitia* e sua efetiva prática, sendo exemplos tanto de conformidade quanto de transgressão.

Segundo Vincent Jouve (2002, 62), um texto literário não pode construir personagens que impossibilitem algum nível de identificação por parte dos leitores, uma vez que todo autor escreve tendo em mente um público-alvo e projeta uma expectativa de reação à sua obra. Assim, ao elaborar as narrativas de Tanaquil e Túlia, Tito Lívio buscava provocar comportamentos específicos em seus leitores; assim, sua escrita é, inevitavelmente, moldada pelo contexto histórico e cultural em que estava inserido. Nesse sentido, as figuras femininas presentes no núcleo político e familiar de Augusto, amplamente conhecidas e debatidas no período, certamente influenciaram o repertório cultural e as concepções de mundo que Lívio mobilizou em sua obra.

Tanaquil

Lívio apresenta a personagem Tanaquil como uma mulher de origem etrusca que se casa com Lucumo, filho de refugiados. Por ser de fora, Lucumo não era bem aceito pelos etruscos e Tanaquil convenceu seu marido a se mudar para Roma, já que, por ser uma cidade composta por estrangeiros, poderiam ser mais receptivos ao seu marido:

A sua confiança aumentou com seu casamento com Tanaquil, uma mulher de alto nascimento, e que não possuía um caráter leviano para suportar uma posição mais humilde em seu novo ambiente do que aquela que ela tinha. Quando os Etruscos rejeitaram Lucumo, um exilado, ela não suportou a indignidade e, esquecendo o seu amor inato por seu país, desde que visse o seu homem homenageado,

tomou a decisão de emigrar de Tarquinis. Roma foi vista como mais importante para este fim⁶ (Liv. 1. 34) (tradução nossa)

Ao nos informar a escolha de Tanaquil em esquecer o seu amor em detrimento de sua terra natal, em prol de um futuro melhor para o seu marido, Lívio demonstra como a mulher teve um olhar ambicioso em relação ao seu casamento, pois percebeu que seria mais benéfico para ela priorizar as boas relações políticas de seu marido do que as suas relações familiares. Tanaquil viu em Roma uma oportunidade de Lucumo ser aceito mais facilmente, já que a cidade possuía uma tradição de integrar povos estrangeiros, tendo em vista que Roma se iniciou com a chegada de Enéas após sua fuga de Tróia. Não foi Lucumo quem teve uma ambição em relação a Roma, mas sim sua esposa. Sendo assim, Lívio apresenta uma mulher que reconhece o potencial de crescimento da cidade.

Entretanto, Lívio não descreve Tanaquil apenas como uma esposa dedicada ao sucesso do marido. Ao buscar uma nova posição social para Lucumo, ela também pensa em si mesma, pois se sente incomodada com o desprezo que ele enfrenta entre seu povo. Como uma mulher da elite, acostumada a ser valorizada, ela se assusta diante da ideia de ver seu marido incapaz de garantir o mesmo padrão de vida que ela sempre teve.

Embora tenha deixado sua família para acompanhar Lucumo, sua escolha, em um nível mais profundo, foi também por ela mesma, uma decisão estratégica para assegurar um futuro que lhe proporcionasse o *status* e a segurança aos quais estava habituada. Contudo, mesmo tomando essa decisão em prol de si mesma, Tanaquil agiu de maneira cuidadosa, a fim de que a sua reputação e a de seu marido não fosse prejudicada.

Ao chegarem em Roma, Lívio explica que Lucumo começou a firmar acordos e, gradualmente, ganhou destaque no cenário político. Com a morte do rei, Lucumo manifestou o desejo de assumir o trono e, com grande apoio popular, conseguiu se tornar rei. Após sua coroação, Tanaquil soube de um garoto chamado Sérvio Túlio, cuja cabeça começava a pegar fogo enquanto ele dormia. Ela interpretou isso como um presságio de que o garoto teria um papel importante no futuro deles, e compartilhou essa visão com seu marido:

“Você vê esta criança”, diz, “que estamos criando de maneira tão humilde? Tenha certeza de que um dia ela será uma lâmpada para nossas fortunas duvidosas e um protetor para a casa real no dia de sua

⁶ Citação no latim: *Auxit ducta in matrimonium Tanaquil summo loco nata, et quae haud facile iis in quibus nata erat humiliora sineret ea quo innupsisset. spernentibus Etruscis Lucumonem exsule advena ortum, ferre indignitatem non potuit oblitaque ingenitae erga patriam caritatis, dummodo virum honoratum videret, consilium migrandi ab Tarquiniis cepit. Roma est ad id potissima visa* (Liv. 1. 34).

aflição. Vamos, portanto, criar com toda a solicitude alguém que emprestará alto renome ao estado e à nossa família⁷ (Liv. 1. 39) (tradução minha).

Tito Lívio prossegue sua narrativa afirmando que, a partir de determinado momento, o jovem passou a ser tratado como filho por Lucumo e Tanaquil. Tal aproximação despertou desconfiança e temor entre a população, especialmente porque circulava o boato de que o jovem seria filho de uma escrava, o que aos olhos da sociedade romana o tornaria indigno de ascender ao trono. Ainda assim, Sérvio chegou a casar-se com a filha de Lucumo e Tanaquil, o que intensificou o descontentamento popular. A perspectiva de serem, no futuro, governados por alguém de origem servil, provocou forte reação entre os cidadãos, levando-os a arquitetar o assassinato do rei.

Diante do ocorrido, Tanaquil assumiu uma postura ativa: ordenou o fechamento do palácio e determinou a expulsão das testemunhas do assassinato. Em seguida, procurou remédios, na tentativa de tratar o ferimento do marido, e convocou Sérvio Túlio, com o objetivo de persuadi-lo a assumir o controle da situação política naquele momento de crise.

Sérvio, se é homem, pertence a este reino, não àqueles que pelas mãos de outros cometerem um crime covarde. Desperta-te e segue a orientação dos deuses, que uma vez declararam pelo símbolo do fogo divino derramado sobre esta cabeça que tu serias um homem famoso. Agora é a hora daquela chama enviada do céu te vivificar! Agora desperte a sério! Nós também éramos estrangeiros, mas reinamos. Consideras o que és, não de onde nasceste. Se os teus próprios conselhos estão entorpecidos nesta crise repentina, pelo menos usa os meus⁸ (Liv. 1. 41). (tradução nossa).

Um ponto relevante no discurso de Tanaquil é a maneira como ela contorna a questão da origem de Sérvio Túlio, que, por ser filho de uma escrava, dificilmente seria aceito como rei. Em sua fala, Tanaquil recorda o fato de ela própria e o rei Lucumo Tarquínio também serem estrangeiros e, ainda assim, terem conseguido ascender ao trono de Roma. Dessa forma, argumentou que, apesar das origens humildes de Sérvio, ele também poderia governar. Caroline Morato Martins (2023, 156) observa que essa tentativa de apagar ou minimizar a origem de Sérvio revela a mesma astúcia demonstrada por Tanaquil, anteriormente, ao ambicionar a Coroa para o marido recém-chegado à cidade. Embora as chances fossem escassas, ela alcançou esse feito por meio de ambição e de uma estratégia política bem calculada. Consciente de que a ascendência servil de Sérvio seria um obstáculo à sua coroação, Tanaquil iniciou seu discurso enfatizando o que realmente importava: o presente. Naquele momento, ele já era genro do rei, integrava a família real e havia recebido um presságio divino sobre um futuro grandioso.

⁷ Citação no latim: “*Viden tu puerum hunc,*” inquit, “*quem tam humili cultu educamus? scire licet hunc lumen quondam rebus nostris dubiis futurum praesidiumque regiae adflictae; proinde materiam ingentis publice privatimque decoris omni indulgentia nostra nutriamus*” (Liv. 1. 39).

⁸ Citação no latim: “*Servi, si vir es, regnum, non eorum qui alienis manibus pessimum facinus fecere. erige te deosque duces sequere, qui clarum hoc fore caput divino quondam circumfuso igni portenderunt. nunc te illa caelestis excitet flamma, nunc expergiscere vere. et nos peregrini regnavimus; qui sis, non unde natus sis, reputa. si tua re subita consilia torpent, at tu mea consilia sequere*” (Liv. 1. 41).

Além disso, Martins (2023) destaca a importância de Tanaquil recorrer a figuras masculinas para concretizar seus objetivos políticos. Ela não poderia se tornar rainha nem manter o trono apenas com sua própria autoridade e a de sua filha. Por isso, construiu primeiro a imagem de seu marido como rei e, em seguida, a de seu genro. É significativo notar que, mesmo com uma origem escravizada, Sêrvio detinha mais poder do que Tanaquil — a rainha. Como ressalta a autora, “um homem estrangeiro ou de origem escravizada poderia exercer o poder diretamente, mas uma mulher, não” (Martins 2023, 156). As relações de gênero tornam-se evidentes nesse contexto: o poder político de um homem, ainda que de origem humilde, sobrepunha-se publicamente ao de uma mulher nobre.

Sob a perspectiva de Judith Butler (2002), esse cenário revela uma nítida hierarquia de gênero, a partir da qual os corpos são materializados conforme as normas sociais e discursivas. Ou seja, o corpo feminino de Tanaquil é excluído do espaço do poder por não ser considerado o corpo ideal, porque o corpo ideal é o masculino, é daquele que possui o falo. Sêrvio, mesmo sendo de uma origem escravizada, está mais próximo da figura ideal de um governante do que Tanaquil, que é do sexo feminino.

Ao constatar a morte de seu marido, Tanaquil agiu prontamente ao dirigir-se a Sêrvio Túlio com um discurso encorajador, visando prepará-lo para assumir o poder. Demonstrando habilidade política e estratégica, ela se dirigiu à população a partir de uma das janelas do palácio, informando, de maneira deliberadamente enganosa, que o rei ainda estava vivo (embora ferido); e que, durante sua recuperação, Sêrvio governaria em seu nome de forma interina:

Quando os gritos e empurrões da multidão mal puderam ser resistidos, Tanaquil subiu ao andar superior da casa e, através de uma janela com vista para a Nova Via - pois o rei vivia perto do templo de Júpiter, o Permanecido - dirigiu-se à população. Ela pediu que tivessem bom ânimo: o rei havia sido atordoado por um golpe repentino; o aço não havia afundado profundamente em seu corpo; ele já havia recuperado a consciência; o sangue havia sido enxugado e o ferimento examinado; todos os sintomas eram favoráveis; ela confiava que logo veriam o próprio Tarquínio; enquanto isso, ela ordenou que o povo obedecesse a Sêrvio Túlio, que administraria a justiça e executaria os outros deveres do rei⁹ (Liv. 1. 41) (tradução nossa).

Tito Lívio apresenta Tanaquil como uma figura dotada de notável astúcia e discernimento político. Ao surgir com remédios em mãos e persuadir a população de que o rei ainda se encontrava com vida, ela não apenas encenou uma situação de estabilidade, mas também criou uma janela de oportunidade para que Sêrvio Túlio conquistasse gradualmente o apoio popular, necessário à sua

⁹ Citação no latim: *Cum clamor impetusque multitudinis vix sustineri posset, ex superiore parte aedium per fenestras in Novam viam versas —habitabat enim rex ad Iovis Statoris—populum Tanaquil adloquitur. iubet bono animo esse: sopitum fuisse regem subito ictu; ferrum haud alte in corpus descendisse; iam ad se redisse; inspectum volnus absterso cruore; omnia salubria esse; confidere prope diem ipsum eos visuros; interim Ser. Tullio iubere populum dicto audientem esse; eum iura redditurum obiturumque alia regis munia esse* (Liv. 1. 41).

ascensão. Assim como Lucumo só conseguiu tornar-se rei graças à intervenção decisiva de Tanaquil, Sérvio, igualmente, só obteve espaço para consolidar sua posição porque ela, mais uma vez, interveio de forma estratégica.

Um momento particularmente expressivo desse episódio é a cena em que Tanaquil aparece à janela do palácio e dirige-se ao povo. Ainda que, enquanto mulher e esposa, fosse tradicionalmente vinculada ao espaço privado do lar, sua condição de rainha lhe conferia um papel que, embora não oficial, possuía autoridade simbólica. Mesmo sem deter o poder político formal reservado aos homens, suas palavras exerciam influência e repercutiam no domínio público. Ao expor-se naquela posição elevada, falando em nome da monarquia, Tanaquil atravessa, simbolicamente, os limites do espaço doméstico e atua diretamente na esfera pública. Mas ela não fala por si, e sim por seu genro que, a partir daquele momento, tornava-se rei.

Conforme aponta Amy Russell (2015, 25), a residência aristocrática romana era, ao mesmo tempo, um ambiente doméstico e um espaço de exibição pública: a *domus* funcionava tanto como lar familiar quanto como expressão do prestígio e da influência de um indivíduo público, sendo palco de encontros e debates políticos. Dessa forma, mesmo inserida no contexto privado, a mulher poderia ter acesso às conversas sobre a esfera pública, devido ao fato de estar presente no cenário onde esses diálogos se desenvolviam. Os âmbitos público e privado se entrecruzavam de forma intrincada.

Segundo Anderson Michel França (2018, 30), a boa convivência e as relações de poder no interior do casamento constituíam a base das regras de civilidade e do poder político em Roma. Ou seja, o casamento não se restringia ao âmbito privado nem dizia respeito apenas à relação entre marido e esposa; tratava-se de uma instituição pública, uma demonstração da civilidade do casal diante da sociedade. Em uma dimensão mais ampla, os casamentos simbolizavam o bom funcionamento da própria *urbs*. Nesse sentido, era fundamental que a *concordia* fosse cultivada no matrimônio, de modo que a harmonia entre os cônjuges refletisse diretamente na harmonia da sociedade.

Para que o casamento fosse considerado bem-sucedido, esperava-se que a esposa desempenhasse o papel de principal colaboradora do marido, o que também se estendia à sua função social na cidade. No entanto, por se tratar de uma sociedade patriarcal, a hierarquia social estabelecia o homem como detentor do poder, cabendo à mulher ocupar a posição de parceira subordinada. Mesmo que, na prática, nem todas as mulheres aceitassem o papel de submissão imposto a elas. No caso de Tanaquil, ela performa a *concordia* em público; mas, no privado,

mostra-se como a maior autoridade de sua família, pois detém o poder de convencê-los a agir como ela deseja.

Martins (2023, 158) argumenta que Tanaquil não é retratada como um exemplo positivo por Lívio, pois integra um conjunto de personagens femininas associadas ao fim da monarquia e à decadência de Roma, que teria abandonado seus valores primordiais em prol de ambições pessoais. Entretanto, ainda que transite por espaços de poder, Tanaquil o faz em conformidade com os valores tradicionais, reafirmando a estabilidade social. Sua ambição pessoal é canalizada para o êxito político dos homens de sua família: primeiro o marido, depois o genro, aos quais dedica seus esforços.

Seu poder manifesta-se de modo indireto, nos bastidores, controlando ações sem expor-se publicamente. Assim, para a sociedade romana, Tanaquil representa a rainha ideal: esposa, mãe e sogra, sempre ao lado dos homens da família. Ao elaborar estratégias para assegurar poder político ao marido e ao genro, Tanaquil recorreu à *concordia*, pois demonstrou comprometimento com sua família e com os homens que a compunham, transformando seu casamento em uma aliança vantajosa para ambos. Seu esposo ascendeu ao trono, e ela conquistou os benefícios e o prestígio associados ao papel de rainha. Assim, Tanaquil utilizou sua influência feminina de maneira eficaz no cenário político.

Embora Tanaquil, ao assumir uma postura política ativa, desafiasse certas convenções femininas da época, sua atuação não questiona a estrutura patriarcal romana; ao contrário, ela a reafirma ao performar a *concordia* em público e garantir tanto a continuidade quanto a estabilidade da monarquia. Assim, Tanaquil mobiliza sua feminilidade como um instrumento de poder, mas sem subverter diretamente a ordem masculina vigente.

Túlia

No livro, alguns anos após a narrativa envolvendo Tanaquil, Tito Lívio apresenta a história de Arrúncio Tarquínio, jovem de bom caráter que buscava conquistar o apoio do Senado com o objetivo de tornar-se rei. Nessa empreitada, contou com o incentivo de sua esposa Túlia, descrita por Lívio como “a responsável por instigar o espírito inquietante do marido”¹⁰ (Liv. 1. 46, tradução nossa). Tal caracterização demonstra a visão de Lívio de que as mulheres podiam exercer influência significativa na vida dos homens, seja de maneira positiva, seja de forma desestabilizadora.

Lívio relata, ainda, que Arrúncio possuía um irmão, Lúcio Tarquínio, cujo caráter contrastava com o de seu irmão. Lúcio era casado com a irmã de Túlia, de modo que ambos os

¹⁰ Citação no latim: *Uxore Tullia inquietum animum stimulante* (Liv. 1. 46).

irmãos Tarquínio estavam unidos matrimonialmente a duas irmãs (filhas do rei Sérvio Túlio), o que lhes conferia não apenas prestígio, mas também influência política. Túlia, no entanto, mostrou-se frustrada ao perceber que seu marido não reunia as condições necessárias para ascender ao poder, em virtude de divergências com o Senado. Movida por essa insatisfação, decidiu romper com o marido e aproximar-se de Lúcio, a quem passou a admirar. Ao desejar desposá-lo, Túlia voltou-se também contra sua própria irmã, intensificando os conflitos familiares e políticos:

Era angustiante para a obstinada Túlia que seu marido fosse destituído de ambição e iniciativa. Com toda sua alma, voltou-se para o outro, a quem ela admirava, considerava-o um homem e príncipe nascido de sangue: rejeitou sua irmã, porque tendo um homem como companheiro, faltava-lhe a ousadia de uma mulher ¹¹(Liv. 1. 46) (tradução nossa).

Assim como Tanaquil, Túlia é uma personagem feminina marcada por ambições políticas evidentes. Túlia não compreende o matrimônio apenas como uma relação de dedicação e submissão ao marido, mas como um meio estratégico de alcançar poder e prestígio. Sua postura coloca-a em evidente contraste com o ideal feminino promovido durante o governo de Augusto, que valorizava mulheres devotadas exclusivamente ao papel de esposas virtuosas e colaboradoras do sucesso masculino. Túlia, ao contrário, priorizava seus próprios interesses e objetivos de poder, distanciando-se desse modelo idealizado.

Ao tornar-se amante de Lúcio, os dois, juntos, passaram a desenvolver uma relação marcada por ambições compartilhadas. No entanto, Lívio faz questão de enfatizar que “a origem de todo o tumulto residia na iniciativa da mulher”¹² (Liv. 1. 46, tradução nossa). Gradualmente, Túlia passou a habituar-se aos encontros com Lúcio e a criticar seu próprio marido diante do irmão dele. Da mesma forma, desferia ataques verbais contra sua irmã, apresentando-a negativamente ao cunhado. Em seus discursos, Túlia lamentava que ambos estivessem presos a casamentos com parceiros desprovidos de ambição política, expressando a convicção de que, unida ao homem certo, teria alcançado o poder que tanto almejava:

Ela afirmou que seria mais correto se ela fosse viúva e ele sem uma esposa, do que eles estarem unidos a um desigual, e obrigados a definhar perante a covardia dos outros. Se os deuses tivessem lhe dado um marido de quem ela fosse digna, ela teria visto em sua própria casa o poder real que agora ela via na casa de seu pai ¹³ (Liv. 1. 46) (tradução nossa).

Para Patrícia Cristine Alves Veras (2019, 36), Tito Lívio utiliza palavras com conotações negativas para criar uma imagem violenta de Túlia, ao descrevê-la pejorativamente como “a origem

¹¹ Citação no latim: *Ferox Tullia nihil materiae in viro neque ad cupiditatem neque ad audaciam esse; tota in alterum aversa Tarquinium eum mirari, eum virum dicere ac regio sanguine ortum; spernere sororem, quod virum nacta muliebri cessaret audacia* (Liv. 1. 46).

¹² Citação no latim: *sed initium turbandi omnia a femina ortum est* (Liv. 1. 46).

¹³ Citação no latim: *Et se rectius viduam et illum caelibem futurum fuisse contendere, quam cum inpari iungi, ut elanguescendum aliena ignavia esset. si sibi eum, quo digna esset, dii dedissent virum, domi se prope diem visuram regnum fuisse, quod apud patrem videat* (Liv. 1. 46).

de todo o tumulto” e como via os outros como covardes; assim, Lívio influencia seu leitor a criar uma animosidade com a personagem, já tendo uma má opinião sobre ela desde o início de sua história. Ao influenciar Lúcio com suas ambições, Túlia e ele organizaram um casamento logo após a morte de seus respectivos cônjuges, que faleceram um após o outro.

A narrativa de Lívio prossegue apontando o crescente sentimento de insegurança do rei Sêrvio, motivado pelo comportamento cada vez mais audacioso e impaciente de sua filha. Segundo Lívio, Túlia demonstrava impaciência para consumir uma série de crimes, evidenciando sua determinação em alcançar seus objetivos políticos a qualquer custo. Ela incentivava seu novo marido a manter-se vigilante e ativo no cenário político, instando-o a preparar-se para tomar o trono. Contudo, essa pressão era acompanhada de uma exigência clara: para ser digno dela, ele deveria mostrar-se capaz de conquistar o poder que ela julgava merecer, de modo a não fazê-la se arrepende da troca do antigo esposo por um novo aliado em suas ambições:

Ela não queria um homem apenas para ser chamada de esposa, alguém que ela serviria em silêncio; ela queria alguém que se mostrasse digno do reino, que se lembrasse que é filho de Tarquínio Prisco, que preferiu possuir um reino do que ter apenas esperanças de ter um. “Se você é aquele que eu achei que estava me casando, eu o chamo de marido e rei; se não, eu mudei a situação para pior, porque é um crime com covardia. Por que você não age? Você não é como seu pai, de Corinto ou Tarquínio, que teve que se fazer rei numa terra estrangeira; os deuses e ancestrais de sua família, a imagem de seu pai, a casa real, o trono e o nome Tarquínio o tornam rei”¹⁴(Liv. 1. 47) (tradução nossa).

O discurso de Túlia apresenta um interesse particular por revelar uma personagem feminina plenamente consciente do cenário político de sua época. Ela demonstrou discernimento ao perceber que seu primeiro marido se encontrava em desacordo com o Senado, o que inviabilizaria sua ascensão ao poder. Diante dessa constatação, Túlia identificou no cunhado um potencial mais promissor e, de forma estratégica, viabilizou um novo casamento. No entanto, mesmo após essa mudança cuidadosamente calculada, ela rapidamente se frustrou ao perceber que seu novo esposo não estava se inserindo na esfera política, conforme suas expectativas. Esse comportamento evidencia como as deliberações do Senado não eram alheias à sua realidade: ao contrário, tratava-se de um espaço compreendido por ela, e no qual buscava intervir de maneira eficaz.

É interessante observar que, embora o poder de decidir sobre acordos matrimoniais pertencesse ao homem detentor da *potestas*¹⁵ sobre a mulher (fosse o pai, o marido ou um tutor),

¹⁴ Citação no latim: *Non sibi defuisse cui nupt diceretur, nec cum quo tacita serviret; defuisse qui se l regno dignum putaret, qui meminisset se esse Prisci Tarquini filium, qui habere quam sperare regnum mallet. “si tu is es cui nuptam esse me arbitror, et virum et regem appello; sin minus, eo nunc peius mutata res est quod istic cum ignavia est scelus. quin accingeris? non tibi ab Corinthis nec ab Tarquiniis, ut patri tuo, peregrina regna moliri necesse est: di te penates patrique et patris imago et domus regia et in domo regale solium et nomen Tarquinium creat vocatque regem. aut si ad haec parum est animi, quid frustraris civitatem? quid te ut regium iuvenem conspici sinis? facesse hinc Tarquinius aut Corinthum, devolvere retro ad stirpem, fratris similior quam patris.” his aliisque increpando iuvenem instigat, nec conquiescere ipsa potest* (Liv. 1. 47).

¹⁵ Poder.

Túlia conseguiu conduzir seus próprios acordos matrimoniais por meio da manipulação e influência exercida sobre os homens de seu círculo. Ainda que fosse necessária a autorização final de seu pai, Túlia organizou os casamentos e divórcios de acordo com sua própria vontade e de forma autônoma, demonstrando que o próprio rei reconhecia a impossibilidade de conter suas vontades. Assim, mesmo contrariado, Sérvio acabou cedendo aos desejos da filha.

Adicionalmente, a maneira como Túlia se referia ao marido e ao poder real, ao afirmar: “se você é aquele com quem eu imaginei estar me casando, então o chamo de marido e rei”¹⁶ (Liv. 1. 47, tradução nossa), revela não apenas sua ambição política, mas também sua habilidade discursiva para moldar a identidade de Tarquínio como soberano. Suas palavras operam com força persuasiva e performativa, reconfigurando o ambiente político à sua volta por meio da linguagem.

Tito Lívio sugere, ainda, que Túlia teria se inspirado na figura de Tanaquil ao tomar suas decisões. Tanaquil havia conseguido elevar tanto seu marido quanto seu genro à posição de rei, por meio de uma atuação política indireta, porém decisiva. A condição de Tanaquil como estrangeira, e, ainda assim, detentora de significativa influência no cenário romano, parece ter exercido um impacto profundo sobre Túlia — filha de um rei que, ao observar o êxito político daquela mulher, sentiu-se ainda mais impelida a buscar realizações próprias na esfera do poder:

Ela não pode ser paciente porque se Tanaquil, uma mulher estrangeira, foi capaz de planejar tanto em sua mente a ponto de dar dois reinos sucessivos, ao seu marido e depois ao seu genro, ela, nascida da semente do reino, não poderia se permitir não fazer diferença nenhuma em dar ou receber um reino ¹⁷ (Liv. 1. 47) (tradução nossa).

Este trecho revela-se particularmente significativo ao evidenciar que, mesmo à margem das estruturas formais de poder, as mulheres podiam exercer considerável influência na esfera política. A própria Túlia reconhecia que foi Tanaquil a responsável por assegurar a ascensão de seu marido e, posteriormente, de seu genro ao trono, o que a motivou a tentar repetir tal feito. Tal evidência demonstra a consciência das mulheres acerca das realizações de outras mulheres, reconhecendo os poderes que poderiam alcançar e observando o comportamento umas das outras, seja por admiração, seja por inveja. Assim, não viviam apenas em função dos homens, mas tinham plena consciência das conquistas de seu próprio gênero, bem como do impacto que uma mulher poderia exercer, tanto na vida pessoal quanto na vida política de um homem.

Inspirado pela iniciativa e ambição de sua esposa, Tarquínio passou a dialogar com os habitantes da região prometendo recompensas e benefícios em troca de apoio político. Sentindo-se suficientemente fortalecido, organizou-se com um grupo de seguidores armados e dirigiu-se ao

¹⁶ Citação no latim: *Si tu is es cui nuptam esse me arbitror, et virum et regem appello* (Liv. 1. 47).

¹⁷ Citação no latim: *Nec conquescere ipsa potest si, cum Tanaquil, peregrina mulier, tantum moliri potuisset animo, ut duo continua regna viro ac deinceps genero dedisset, ipsa, regio semine orta, nullum momentum in dando adimendoque regno faceret* (Liv. 1. 47).

Fórum, onde se autoproclamou rei. Ao agir dessa maneira, impediu que o Senado conduzisse o processo de sucessão de forma legítima por meio de eleição ou consulta aos auspícios divinos. Tito Lívio sublinha que o poder de Tarquínio não foi concedido nem pelo povo nem pelos deuses, mas foi entregue por uma mulher; uma afirmação carregada de um juízo moral sobre a legitimidade de seu reinado. Assim, Tarquínio não alcançou o trono por meios considerados honrosos, como seus predecessores, mas o obteve como resultado da intervenção direta de sua esposa: “não foi pela linhagem, nem pelas eleições realizadas, nem pelo voto do povo, o poder foi tomado pela dádiva de uma mulher”¹⁸ (Liv. 1. 47).

Após Tarquínio assumir o poder, Lívio narra que Túlia foi de carruagem até o Fórum e, sem se envergonhar perante a multidão de homens presentes, foi a primeira a homenagear seu marido e chamá-lo de rei. Contudo, Tarquínio mandou que ela saísse do local: “ela foi trazida ao fórum de carruagem e, sem prestar atenção ao grupo de homens, o homenageou e foi a primeira a chamá-lo de rei, que ordenou que ela saísse da multidão”¹⁹ (Liv. 1. 47).

A entrada de Túlia no Fórum representa uma ruptura com o decoro feminino idealizado pelos valores de *concordia* e *pudicitia*, ao ultrapassar os limites simbólicos impostos ao seu sexo. Embora tenha sido ela a artífice da ascensão de Tarquínio ao trono, é justamente após sua coroação que ele reafirma sua posição como representante do sexo dominante, expulsando-a daquele espaço político por excelência. Enquanto suas ações estratégicas permaneciam restritas ao âmbito privado, exercidas por meio da influência conjugal, a atuação de Túlia era tolerada, até mesmo funcional.

No entanto, ao tornar visível sua agência em um ambiente público e masculino, ela desafiou diretamente a ordem patriarcal romana, revelando a ameaça que o poder feminino representa quando escapa ao controle e ocupa espaços de autoridade. A performance de Túlia pode ser compreendida à luz da teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (2003), como um ato que subverte os códigos normativos do feminino. Ao adotar uma conduta não esperada para o seu gênero, ao falar, aparecer e agir no espaço público, Túlia desestabiliza as fronteiras do que é socialmente inteligível como “mulher”, expondo a construção cultural do gênero e a fragilidade da ordem que dele decorre. A reação imediata de Tarquínio, ao mandá-la sair do Fórum, visa, portanto, restaurar essa ordem reafirmando que o exercício legítimo da política pública era um privilégio exclusivamente masculino.

¹⁸ Citação no latim: *Non interregno, ut antea, inito, non comitiis habitis, non per suffragium populi, non auctoribus patribus, muliebri dono regnum occupasse* (Liv. 1. 47).

¹⁹ Citação no latim: *In forum invecta, nec reverita coetum virorum, evocavit virum e curia regemque prima appellavit. a quo facessere iussa ex tanto tumultu* (Liv. 1. 47).

Tanaquil e Túlia como exemplos opostos do gênero feminino

De acordo com Butler (2003, 18), o gênero não é fixo, natural ou biológico, mas socialmente construído por meio de práticas culturais e discursivas. Então, é possível compreender que as narrativas de Tanaquil e Túlia elaboradas por Tito Lívio foram moldadas pelas concepções do autor acerca do que significava ser mulher e ser homem. No contexto social, político e cultural no qual Lívio estava inserido, as performances de gênero eram estruturadas a partir de um entendimento coletivo sobre os comportamentos considerados apropriados para cada sexo. Nessa perspectiva, o gênero configura-se como “[...] uma realização performativa” (Butler 2003, 200); ou seja, uma identidade assumida através de atos, gestos e discursos reiterados, que se associam socialmente ao masculino e ao feminino.

Dentro dessa lógica, Butler destaca que os indivíduos cujas performances não correspondem às expectativas sociais são punidos, explicitando como o gênero não é apenas uma expressão pessoal, mas uma prática de sobrevivência social. A construção dos conceitos de feminino e masculino, portanto, não é universal e nem estática, mas varia conforme o tempo histórico, a sociedade e seus valores vigentes. Assim, ainda que Lívio descrevesse um passado distante, a maneira como representou Tanaquil e Túlia reflete as concepções de gênero de seu próprio tempo, o século I a.C., revelando tanto as normas coletivas quanto suas visões individuais.

O próprio casamento na Antiguidade Romana era profundamente marcado pelas distinções de gênero. Conforme argumenta Karen Hersch (2010, 66), para os homens, o casamento era concebido como um acordo político, uma estratégia para firmar alianças e garantir a geração de filhos legítimos. Para as mulheres, em contrapartida, o casamento simbolizava um verdadeiro rito de passagem: era a partir dele que a jovem deixava de ser vista como menina e passava a ser reconhecida socialmente como adulta.

Essa dinâmica contrastava com a experiência masculina, uma vez que os homens eram admitidos à vida pública e considerados adultos mesmo sem se casarem. Nesse sentido, tanto para Tanaquil quanto para Túlia, o casamento não era apenas uma formalidade entre famílias, mas um elemento central na construção de suas identidades sociais. O matrimônio definia a identidade de uma mulher na sociedade romana, tornando essencial não apenas a realização de um bom casamento, mas também a habilidade em o administrar de maneira adequada.

De acordo com Sarah Fernandes Lino de Azevedo (2012, 64), assim como as mulheres da esfera familiar de Augusto exerciam papéis relevantes no campo político, seja por meio de alianças matrimoniais ou da geração de herdeiros, pode-se compreender que havia, até certo ponto, uma expectativa quanto ao envolvimento feminino na política romana de maneira geral. Desde que tal

atuação permanecesse restrita ao espaço da *domus* e servisse aos interesses masculinos, a participação feminina no jogo político não era necessariamente vista de forma negativa.

Azevedo (2012, 65) também destaca que, como não há uma separação rígida entre os espaços público e privado, é possível a existência de zonas de negociação e sobreposição quanto à participação feminina nesses domínios. Essa complexidade pode ser observada nas narrativas de Tito Lívio sobre Tanaquil e Túlia. O que torna essas personagens exemplos para o público romano não é, necessariamente, o simples fato de se envolverem com a política, mas sim a maneira como adentraram esse espaço e como nele se comportaram. A forma como se relacionam com suas famílias, com a autoridade masculina e com o povo romano é o que possibilita a construção de um juízo moral sobre cada uma delas.

Ainda, Azevedo observa que “os estereótipos servem para enfatizar um tipo de comportamento de determinada personagem, tornando evidentes certas características, positivas ou negativas” (2012, 81). Dessa forma, ao construir as narrativas de Tanaquil e Túlia, Lívio escolheu cuidadosamente palavras que induzissem seus leitores a um pré-julgamento dessas figuras femininas.

Tanaquil é representada como uma mulher ambiciosa, mas voltada ao bem de sua família, que atua estrategicamente sem ultrapassar os limites da *domus*; ela transforma o marido em rei e assegura o mesmo destino ao gênero. Já Túlia surge como a antítese dessa imagem: uma esposa que incita o pior em seu marido, recorre à violência e à manipulação para alcançar o poder, sempre em benefício próprio. Assim, uma personagem se contrapõe à outra, pois “percebe-se que o modelo da *matrona* ideal também reside no modelo que representa seu avesso” (Azevedo 2012, 81).

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que Tanaquil e Túlia encenam performances de gênero as quais, embora envolvam sua inserção em uma esfera tradicionalmente masculina (a política), são avaliadas de maneira distinta por Tito Lívio. Tanaquil atua nos bastidores para assegurar a continuidade legítima do poder, sendo representada como prudente, sábia e leal à ordem estabelecida.

Em contrapartida, Túlia é caracterizada como uma figura que ultrapassa os limites aceitos para a atuação feminina. Sua ambição desmedida, sua violência e seu desrespeito às normas sociais rompem com as expectativas de recato e submissão atribuídas às mulheres, transformando-a em um exemplo negativo de atuação feminina.

Complementando essa análise, Roger Chartier (1990, 16) argumenta que as construções sociais operadas pelos autores não são neutras: elas produzem estratégias e práticas que buscam legitimar suas escolhas e condutas. Dessa maneira, as representações femininas elaboradas por

Lívio integram um processo de repetição cultural que visa impor uma percepção de mundo específica, reafirmando os padrões de comportamento vigentes em sua sociedade.

Chartier (1990, 63) também alega que, por mais que o autor tenha a intenção de ser o mais objetivo possível na escrita de um texto, não há como um texto ser totalmente transparente em relação a sociedade. Ou seja, a escrita de Tito Lívio apresenta as suas percepções de mundo em sua narrativa, nas escolhas de palavras, expressões e comentários em relação à história que está sendo contada.

Em suma, as representações de Tanaquil e Túlia foram construídas para reforçar uma visão particular do papel das mulheres na política: a intervenção feminina é tolerada quando discreta, moderada e orientada à preservação da ordem, como exemplificado por Tanaquil; mas, é condenada quando expressa ambição pessoal e ameaça a estabilidade social, como ocorre com Túlia.

Assim, com base nas categorias de Butler e Chartier, observa-se que Lívio não apenas narra ações femininas, mas constrói modelos simbólicos que orientam o comportamento social. Dentro desse panorama, Tanaquil representa a expressão positiva da *femina bona* e da *concordia*: ao agir estrategicamente para assegurar o poder de seu marido e de seu genro, ela demonstra um compromisso absoluto com os interesses familiares e a preservação da ordem social, agindo dentro dos limites esperados para uma mulher virtuosa. Sua ação política é legitimada porque reafirma os princípios fundamentais da sociedade romana. Em contraste, Túlia personifica a negação desses valores: ao priorizar sua ambição pessoal em detrimento da estabilidade familiar e política, ela rompe com a *concordia* e a imagem da *femina bona*, sendo construída como um exemplo de transgressão a ser evitado.

Fontes documentais

Livy. 1919. *Books I and II* (Latin-English ed.). Harvard University Press; William Heinemann Ltd. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Liv.+1.1>
Acesso em: janeiro de 2025.

Livy. 1959. *Books I and II* (Latin-English ed.). Cambridge: Harvard University Press.

Tito Lívio. 1989. *História de Roma: Primeiro volume*. São Paulo: Editora Paumapé.

Referências bibliográficas

Angelova, D. N. 2015. Women and Founding from Livia to Helena. Em *Sacred founders: Women, men, and gods in the discourse of imperial founding, Rome through early Byzantium*, 66–107. University of California Press.

Azevedo, S. F. L. *História, retórica e mulheres no Império Romano: Um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. 2012. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto. EDUFOP/PPGHIS.

Butler, J. 2002. *Cuerpos que importan: Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós.

Butler, J. 2003. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Chartier, R. 1990. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

De la Bédoyère, G. 2018. *Domina: The women who made imperial Rome*. Yale University Press.

Eco, Umberto. 2005. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.

Eliade, Mircea. 1972. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.

França, A. M. *O mos maiorum nas obras História de Roma de Tito Lívio e no Tratado da República de Marco Túlio Cícero*. 2018. Monografia de Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191167> Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.

Hersch, K. K. 2010. *The Roman wedding: Ritual and meaning in antiquity*. Cambridge University Press.

Isbaes, G., & Funari, P. P. A. 2023. Subjetividades protagonistas na Antiguidade: As mulheres no principado romano. Em M. Rago, G. S. Trevisan, F. G. Gesueli, T. Hara & V. Couto (Orgs.), *Viver de outra maneira o tempo: Foucault e as possibilidades da subjetividade*, 167–179. São Paulo: Intermeios.

Jouve, V. 2002. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP.

Martins, C. M. *Exempla e memória: A construção de um repertório de personagens femininas em Tito Lívio e Tácito*. 2023. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: <https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/98765> Acesso em: 14 de fevereiro de 2025.

Moore, K. 2020. Octavia Minor and Patronage. In E. D. Carney & S. Muller (Orgs.), *The Routledge companion to women and monarchy in the ancient Mediterranean world*. London: Routledge.

Russell, A. 2015. *The politics of public space in Republican Rome*. Cambridge University Press.

Strong, A. K. 2016. *Prostitutes and matrons in the Roman world*. Cambridge University Press.

Veras, P. C. A. Os delitos do feminino em Tito Lívio: O caso de Túlia. *Humanidades em Revista*, 1, 1 (2019): 24-28. Disponível em: <https://humanidadesemrevista.ifrn.edu.br/os-delitos-do-feminino-em-tito-livio-o-caso-de-tulia/> Acesso em: 14 de fevereiro de 2025.

Wiseman, T. P. 2014. Popular Memory. Em K. Galinsky (Org.), *Memoria Romana: Memory in Rome and Rome in Memory*, 43-62. v. 10. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt9qgzjq.8> Acesso em: 22 de janeiro de 2025.